

**UMA VISÃO MEDICINAL-RECREATIVO-SACRAMENTAL DA CANNABIS:
PARA ALÉM DA TRICOTOMIA EPISTEMOLÓGICA E EM DEFESA DA
SAÚDE HOLÍSTICA**Jan Clefferson Costa de Freitas¹Geovane de Sousa Almeida²Diego Marcos Barros de Castro³

Resumo: Desde o início do segundo milênio d. C., o movimento social antiproibicionista brasileiro enfrenta um problema caracterizado pela divisão que se faz entre as formas de uso da Cannabis; uma problemática provocada em grande medida por um posicionamento predominante no século XIX, que tem os seus desdobramentos repercutidos no século XXI, em especial nos discursos e narrativas provindas do senso comum, sem o lastreio do conhecimento científico. As pesquisas científicas contemporâneas comprovam os efeitos benéficos da maconha para o tratamento de diversos tipos de patologias. Entretanto, a hipervalorização destas benesses terapêuticas acabaram por promover um paradigma ultrapassado do ponto de vista epistemológico, uma distinção que supervaloriza o usuário medicinal em detrimento do recreativo e sacramental. O objetivo deste artigo consiste em demonstrar, por meio de uma análise da epistemologia social, os prejuízos antropológicos, culturais, filosóficos, geográficos, históricos, psicológicos, sociológicos e até mesmo terapêuticos desta tricotomia, ou, como se apresenta hoje para a opinião pública, as desastrosas consequências desta divisão cirúrgica que separa o uso medicinal dos usos lúdicos e ritualísticos da Cannabis. A partir da definição de saúde estabelecida como consenso pela OMS, isto é, o bem-estar físico-mental-social, tanto as atividades ritualísticas quanto as lúdicas promovem a homeostase do corpo, da mente e da civilização. Dessa maneira, a conclusão que se pretende apresentar é de que o uso recreativo e ritual da Cannabis pode ser compreendido também como medicinal. Para entender melhor o argumento em desenvoltura, a tessitura vai ter início com um levantamento artístico, científico, filosófico e místico do uso de substâncias psicoativas para despertar a criatividade e expandir a consciência. Por fim, além de estabelecer uma conexão entre as variedades de uso da maconha, os serviços de prevenção para usuários e as políticas de redução de danos serão posicionados entre novos paradigmas políticos e éticos: para que seja justificada pelos autores do presente artigo, a equivalência da importância entre os usos recreativos, medicinais e ritualísticos da Cannabis.

Palavras-Chave: Cultura Canábica; Epistemologia Social; Filosofia Psicodélica; Geografia da Criatividade; História das Drogas; Saúde Holística.

¹ Doutor, Mestre e Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Doutorando, Mestre e Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Embaixador ONU Habitat e Prêmio Mundial ONU de Artista Destaque na Luta contra o Coronavírus.

³ Doutor em Ciências Sociais, Mestre e Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

*A MEDICINAL-RECREATIONAL-SACRAMENTAL PERSPECTIVE OF CANNABIS:
BEYOND THE EPISTEMOLOGICAL TRICHOTOMY AND IN DEFENCE OF
HOLISTIC HEALTH*

Abstract: Since the beginning of the second millennium a. D., the Brazilian anti-prohibitionist social movement has faced a problem characterised by the division that is made between the forms of Cannabis use; a problem caused to a large extent by a position predominant in the 19th century, which has its repercussions in the 21st century, especially in discourses and narratives coming from common sense, without the backing of scientific knowledge. Contemporary scientific research proves the beneficial effects of marijuana in the treatment of various types of pathologies. However, the hypervaluation of these therapeutic benefits has ended up promoting an outdated paradigm from the epistemological point of view, a distinction that overvalues the medicinal user to the detriment of the recreational and sacramental. The aim of this article is to demonstrate, through an analysis of social epistemology, the anthropological, cultural, philosophical, geographical, historical, psychological, sociological and even to therapeutical damage of this trichotomy, or, as it is presented today to public opinion, the disastrous consequences of this surgical division that separates medicinal use from the recreational and ritualistic uses of Cannabis. Based on the definition of health established as a consensus by the WHO, that is, physical, mental and social well-being, both ritualistic and recreational activities promote the homeostasis of the body, mind and civilisation. In this way, the conclusion we intend to present is that the recreational and ritual use of Cannabis can also be understood as medicinal. In order to better understand the unfolding argument, the text begins with an artistic, scientific, philosophical and mystical overview of the use of psychoactive substances to awaken creativity and expand consciousness. Finally, besides establishing a connection between varieties of marijuana use, prevention services for users and harm reduction policies will be positioned between new political and ethical paradigms: to be justified by the authors of the present article, the equivalence of the importance between recreational, medicinal and ritualistic uses of Cannabis.

Keywords: Cannabis Culture; Social Epistemology; Psychedelic Philosophy; Geography of Creativity; History of Drugs; Holistic Health.

Introdução – Criatividade, Consciência e Psicoativos

Há milhares de anos o ser humano busca formas de ultrapassar as fronteiras da consciência e despertar as faculdades criativas através da apreciação das drogas. Por essa razão: “Não se deve reduzir a questão das drogas a uma dimensão simplista: usá-las ou não. Na literatura há inúmeros exemplos de obras criadas a partir de experiências com haxixe, ópio, maconha, mescalina, láudano e álcool, entre outras” (PASSETTI, 1991, p. 89). Diante das muitas chaves para abrir as portas da percepção, o uso de substâncias psicoativas foi e continua a ser um dos métodos mais utilizados, independente das diferenças culturais ou naturais sob as quais a humanidade se encontra.

A *Cannabis sativa/indica/ruderalis* ou a maconha [do quimbundo *ma'kaña*, plural de *di'kaña*, fumo santo, santa erva], também conhecida pelos nomes de *marijuana* no México, *kush* no Afeganistão, *chitral* no Paquistão, *má* na China, *porkeo* no Laos, *suruma* em Moçambique, *kif* no Marrocos, *kenevir* na Turquia, *burma* em Myanmar ou *ganja* na Índia e na Jamaica, consiste em uma planta herborífera da família *Cannabaceae*, cultivada de modo amplo em diversas partes do mundo: uma erva cuja imensa variedade de nomes próprios evidencia a sua importância histórica e cultural em todo o orbe planetário (MCKENNA, 1993; CLARKE; MERLIN, 2013; BENNET, 2018). As folhas da maconha são finamente recortadas em segmentos lineares; as flores, unissexuais e inconspícuas, têm pelos granulados que, nas femininas, produzem um exsudato resinoso; o caule possui fibras importantes para a indústria, para a nova agricultura urbana e para a economia criativa, conhecidas como cânhamo; e a resina tem propriedades estupefacientes, isto é, desperta sensações e impressões semelhantes às produzidas pelo espectro dos fármacos qualificados pela medicina como psicotrópicos.

O haxixe, por sua vez, se constitui como um derivado mais ativo da *Cannabis*, uma substância resinosa extraída da própria maconha. Quanto a este último, o seu componente psicoativo mais presente vem a ser o delta-9-tetrahidrocannabinol, ou THC. Enquanto a maconha pode conter 12% de THC, o haxixe pode conter até 33%. O termo haxixe também remete às folhas e às inflorescências dessecadas e trituradas do cânhamo usadas como droga alucinógena (BAUDELAIRE, 1860; BENJAMIN, 1972; MCKENNA, 1993; CLARKE, 1998). O haxixe, como de costume, vem a ser pulverizado e misturado ao tabaco normal para ser fumado em cachimbos. Nos tempos presentes, em sua maior parte, a resina da *Cannabis* é produzida no Norte da África, Paquistão, Nepal, Líbano e Turquia, sendo contrabandeada para os Estados Unidos e Europa em navios cargueiros e aviões particulares, nos meios de transporte pertencentes ou fretados pelos acionistas do narcotráfico internacional, um criminoso monopólio comercial que só existe por consequência direta da proibição.

Os primeiros registros histórico-arqueológicos do uso das fibras da *Cannabis* para fabricação de papel datam de 8000 anos a.C. na China. Depois os chineses descobriram e desenvolveram outras formas de uso da maconha, como a produção de artigos têxteis e subsídios utilizados para a construção civil [cordas para navegação e material bioarquitetônico], bem como substratos de utilidade indispensável para o

desenvolvimento da atividade médica (MCKENNA, 1995; CLARKE; MERLIN, 2013; CAMARGO, 2014). O uso terapêutico da *Cannabis* pode ser documentado na historiografia humana a partir do século 28 a.C., em tratados da Medicina Tradicional Chinesa, quando essa herbácea imperial era utilizada para fins de anestesiologia natural. Por conseguinte, os documentos que tratam dos usos sacramentais realizados pelos sábios védicos, datados por volta do ano 1000 a.C., trazem dois dos principais usos da maconha e as suas características mais interessantes: o despertar da consciência e o estímulo da criatividade (CLARKE; MERLIN, 2013; CAMARGO, 2014; BENNET, 2018). Na Índia daquela época, assim como agora, os efeitos da *Cannabis* eram associados aos aspectos esotéricos, místicos, mágicos e iniciáticos da religiosidade védica. A erva era vista como um elemento fundamental da espiritualidade e da experiência direta com a transcendência. Mais tarde, outras grandes sociedades, como os gregos, romanos, africanos e árabes também aproveitaram as qualidades da *Cannabis*, fosse ela consumida como alimento, remédio, sacramento, combustível, fibras ou fumo. Em outras palavras, a maconha está vinculada à etnofarmacobotânica secular e à prática religiosa de vários povos ao longo da História, de modo que os seus efeitos sobre o espírito podem vir a despertar importantes considerações filosóficas, da mesma forma que também podem suscitar grandes lampejos dentro do campo da experiência humana.

Entre os anos de 1000 a.C. até meados do século XIX, o cânhamo foi uma das maiores agriculturas do planeta, responsável pela produção da maior parte dos papéis, combustíveis e artigos têxteis; por sua vez a *Cannabis* e o haxixe, a depender da cultura que os utilizava, eram em geral as primeiras, segundas ou terceiras medicações mais presentes nos tratamentos de saúde (CARNEIRO, 2005; ESCOHOTADO, 1998; CAMARGO, 2014). A sua grande relevância histórica e cultural se deve ao fato de que a maconha possui a fibra natural mais resistente e forte do mundo, uma erva que pode muito bem ser cultivada com facilidade em praticamente qualquer tipo de solo, além de ser uma das plantas econômicas mais importantes da flora terrestre e uma das maiores fontes de inspiração religiosa entre povos originários da África e do Oriente.

Sabe-se que a *Cannabis* adentra a Europa de um modo pontual e gradual, expansão que se acentua após a ida de Napoleão ao Egito, uma viagem que apesar de todos os pesos do desastre colonialista, gerou a aproximação e o fascínio por uma nova cultura da parte dos Europeus (ESCOHOTADO, 1998; CLARKE; MERLIN, 2013). O haxixe desde

então despontou em meio aos pensadores da Europa até o século XX, com especial destaque entre os intelectuais e artistas que em geral buscavam, através da substância psicoativa, a exploração de um novo campo de experiências para a criação das suas obras filosóficas, artísticas e científicas (BAUDELAIRE, 1860; BENJAMIN, 1972; CLARKE, 1998; RAMON, 2022). O fenômeno da disseminação dos usos da maconha e dos seus respectivos derivados representava a inauguração de novos territórios, a abertura de novas veredas que possibilitariam o acesso às esferas desconhecidas das cognições criativas. Grande parte do interesse pelo mistério da criatividade estava relacionado às influências orientais na Europa, ao romantismo e à curiosidade crescente pela psicologia e parapsicologia entre os grandes luminares do pensamento, das ciências e também das belas-artes nos séculos XVIII, XIX e XX.

Como no Século das Luzes o haxixe, e do mesmo modo o ópio, dentre outros psicoativos, não eram substâncias proibidas, estas puderam ser facilmente obtidas pelos intelectuais interessados em perspectivas não usuais, isto é, na sua exploração criativa e consciencial. Na Inglaterra, autores de máxima expressividade como Samuel Taylor Coleridge [1772-1834], Thomas de Quincey [1785-1859], Lord Byron [1788-1824], Percy Shelley [1792-1822], John Keats [1795-1821], Charles Dickens [1812-1870], Oscar Wilde [1854-1900], William Butler Yeats [1865-1939], Aleister Crowley [1875-1947], Lord Dunsany [1878-1957], Virginia Woolf [1882-1941] e Aldous Huxley [1894-1963] foram muito experientes na matéria de usar drogas para fins de criação artística e expansão da percepção. Na França, alguns célebres nomes do século XIX como Eugene Delacroix [1798-1863], Honoré de Balzac [1799-1850], Victor Hugo [1802-188], Alexandre Dumas [1802-1870], Jacques Moreau [1804-1884], Gérard de Nerval [1808-1855], Alfred de Musset [1810-1857], Théophile Gautier [1811-1872], Guy de Maupassant [1850-1893], Charles Baudelaire [1821-1867], Arthur Rimbaud [1854-1891] e Paul Verlaine [1844-1896] faziam parte do famoso *Club des Hashishins*, onde experiências com o haxixe eram conduzidas todas as semanas na intenção de despertar a consciência para a criatividade no período da *Belle Époque*.

Na Alemanha, grandes ícones do pensamento intempestivo como Johann Gottfried Herder [1744-1803], Johann Wolfgang von Goethe [1749-1832], Friedrich Schiller [1759-1805], Alexander von Humboldt [1769-1859], Georg Philipp Novalis [1772-1801], Friedrich Schlegel [1772-1829], Friedrich Nietzsche [1844-1900], Ernst

Jünger [1895-1998], Walter Benjamin [1892-1940], Max Horkheimer [1895-1973], Herbert Marcuse [1898-1979] e Theodor Adorno [1903-1969], cada um deles vivenciou a expansão da consciência dirigida para a criatividade através do uso de psicotrópicos como a *Cannabis*, o haxixe, o láudano e a mescalina. Nas Américas, Edgar Allan Poe [1809-1849], Álvares de Azevedo [1831-1852], Benjamin Paul Blood [1832-1919], Horacio Quiroga [1878-1937], Lima Barreto [1881-1922], Augusto dos Anjos [1884-1914], William Burroughs [1914-1997], Alan Watts [1915-1973], Jack Kerouac [1922-1969], Allen Ginsberg [1926-1997], Neal Cassidy [1926-1968], Carl Solomon [1928-1993] e Ken Kesey [1935-2001], todos tiveram experiências com os mais variados tipos de substâncias psicoativas, o que inclui o vinho, o óxido nitroso, o ópio e o LSD como fontes de inspiração para os seus ideários.

A quantidade de referências aqui trazidas cumpre o papel de anular as opiniões proibicionistas acerca do uso das drogas; o estigma patológico do viciado conduzido à delinquência se destroça em uma miríade de pedaços diante da numerosa constelação de pensadores, artistas, cientistas, místicos e gênios que usaram as substâncias psicoativas na perspectiva de expandir a consciência e transformar a experiência em obras-primas. A ter por fundamento essa posição interpretativa, o efeito mais impressionante dos fármacos expansores da percepção consiste na ruptura dos circuitos cerebrais em condicionamento. Por conseguinte: “É claro que a dose da droga não produz a experiência transcendente. Apenas atua como uma chave química – esta abre a mente, liberta o sistema nervoso dos seus padrões e estruturas normais” (LEARY; ALPERT; METZNER, 1964, p. 4).⁴ O que se faz notar nesta breve história da cultura canábica é, desde épocas quase imemoriais, a existência de uma forte conexão entre os usos medicinais, sagrados e recreativos das substâncias psicoativas, cuja a ênfase está disposta neste trabalho sobre a *Cannabis* e o haxixe. Expresso de outra maneira, desde a mais remota antiguidade, a maconha atraiu o ser humano, teve uma ampla distribuição no mundo e sempre foi utilizada de muitos modos: “quanto mais tempo as pessoas usam uma planta, um maior número de aplicações elas irão encontrar para ela. A *Cannabis* tem sido usada há milênios como fibra, alimento, droga vegetal e ocupa uma posição dentre as mais antigas das plantas econômicas”

⁴ “Of course, the drug dose does not produce the transcendent experience. It merely acts as a chemical key – it opens the mind, frees the nervous system of its ordinary patterns and structures” (LEARY; ALPERT; METZNER, 1964, p. 4).

(CLARKE; MERLIN, 2013).⁵ Se existe um consenso de que as formas consideradas recreativas de uso da planta e dos demais psicoativos consistem em uma ação irrefletida por parte da intempestividade juvenil, a intelectualidade não pode mais continuar a deixar de ver o significado originário do verbo *recrear*, ou seja, *fazer mais de uma vez as coisas que ainda não são se manifestarem no âmbito de ser*. De um ângulo de visão antiproibicionista, a recreação vem a ser muito mais o ato ou efeito de dispor à mão de todos uma coisa inédita, algo distinto de tudo e que beneficia a todos, quer dizer, uma ação cuja reação consiste em despertar o extraordinário no mundo da vida: é o contrário de uma mera disposição hedonista perpetuada por pessoas sem propósito, o extremo oposto de um movimento dominado pela marginalidade, como pretendem estabelecer os defensores da proibição.

Na perspectiva de realizar a crítica da divisão epistemológica entre os usos recreativos, medicinais e sagrados da *Cannabis*, o conceito escolhido para definir o alvo da chuva de flechas foi aquilo que se chama na medicina moderna de *tricotomia*, isto é: um procedimento pré-cirúrgico que consiste na remoção de pelos da área onde será realizada a incisão, com a intenção de reduzir os riscos de infecção pós-operatória, uma vez que muitas vezes alguns tipos de micro-organismos podem estar aderidos aos pelos do paciente. A dissociação epistemológica entre o uso medicinal, sacramental e recreativo consiste em uma manobra tricotômica, visto que remove a capilaridade das duas últimas formas de uso, para sobrevalorizar a primeira. Dessa forma, aqueles aqui chamados de *tricotomistas*, eliminam os elementos do conhecimento canábico que por eles são indesejados para deixar o que lhes serve à conveniência. O propósito do presente movimento crítico consiste assim em evidenciar que a sobrevalorização de apenas um tipo de uso da maconha, em detrimento dos demais, prejudica o entendimento do amplo espectro que envolve a história e cultura canábica. Desta feita, o que se busca neste trabalho não é em hipótese alguma desmerecer a excelência do potencial terapêutico da *Cannabis*, como um tipo de revanchismo epistemológico, mas sim a inclusão dos demais usos da maconha em um mesmo patamar de relevância que tem o uso medicinal, bem como a ampla defesa baseada em evidências da equivalência de importância dos três usos da planta em destaque.

⁵ “that the longer people use a plant, the greater number of applications they will find for it. *Cannabis* has been used for millennia as a fiber, food, and drug plant and ranks among the very oldest of economic plants” (CLARKE; MERLIN, 2013, p. 17).

I – Potenciais Benefícios e Riscos da Exponenciação do Uso de Drogas

Não é desde um dia desses que as substâncias psicoativas são tidas como gatilhos que quando acionados desencadeiam um sem número de possibilidades criativas. Atualmente os muitos tipos de psicoativos estão cada vez mais disponíveis para o tratamento de desordens mentais, mas também estão a ser cada vez mais utilizados por pessoas saudáveis com o objetivo de melhorar a cognição, aumentar a criatividade, promover o autoconhecimento ou simplesmente pelo exercício do direito ao prazer (CAMPOS, 2013; CASTRO, 2016; FREITAS, 2022). Diante da vertiginosa facilidade de obtenção prescrita e proscria, bem como da preocupação com o aumento do acesso a estas drogas, pesquisadores da Universidade de Cambridge, Reino Unido, fizeram uma revisão geral dos estudos sobre os riscos e benefícios destes agentes farmacológicos para as pessoas com boa saúde, assim como a respeito das motivações de seus usuários, constantes na literatura científica atual (SAHAKIAN; D'ANGELO; SAVULICH, 2017). A revisão também levou em consideração as questões éticas, políticas, regulatórias e de biossegurança relacionadas ao crescimento do uso das drogas, o que inclui os estimulantes como as catinonas sintéticas e piperazinas; os psicodélicos como as triptaminas, feniletilaminas e ergolinas; as substâncias parecidas com aquelas encontradas na *Cannabis*; os fármacos dissociativos, como óxido nitroso, a ketamina e ciclohexilamina; os sedativos, hipnóticos e opioides.

O crescente uso de drogas psicoativas por pessoas saudáveis está a mudar a estrutura constituinte da sociedade – sugere Barbara Sahakian, pesquisadora da Universidade de Cambridge e referência do estudo pioneiro, publicado no periódico científico *British Journal of Pharmacology* –: é preciso conversar sobre as razões que levam os indivíduos a escolherem fazer o uso das substâncias aperfeiçoadoras dos processos de aprendizado e assegurar que estas últimas não sejam vistas como substitutas da saúde e do bem-estar da população. Diante do arcabouço de evidências, a cientista e a sua equipe avaliaram que as vantagens destas drogas para seres humanos saudáveis devem ser levadas em consideração e serem alvos de mais pesquisas (SAHAKIAN; D'ANGELO; SAVULICH, 2017). Segundo a tríade autoral supramencionada, vários estudos incluídos na revisão demonstraram que as drogas aperfeiçoadoras do aprendizado como o LSD, o DMT, o MDMA, o THC e o CBD podem de fato melhorar o desempenho

intelectual de pares com boa saúde, e que um estimulante como por exemplo o modafinil pode ser benéfico para algumas populações, como os médicos que sofrem com a privação de sono e trabalhadores de turnos da madrugada. No entanto, os dados da pesquisa também apontam ser importante analisar os fatores negativos que podem levar algumas pessoas a buscarem estes fármacos que aperfeiçoam a cognição, como o estresse e as crescentes demandas do ambiente de trabalho. Além disso, lembram haver questões ético-políticas imbricadas no uso destes compostos químicos, problemas que envolvem a coerção e a justiça, dúvidas quanto à sua segurança, valores sociais e pontos de vista que não devem ser menosprezados.

Em termos de ética e biossegurança, as principais preocupações dos pesquisadores incluem o uso das drogas psicotrópicas por crianças e adolescentes cujos cérebros e personalidades ainda estão em desenvolvimento. Além disso, eles lembram que consumir fármacos sem consultar um médico pode colocar alguns indivíduos em risco, como os que têm contraindicações relacionadas ao seu uso – o que não deixa de incluir o *full spectrum* da *Cannabis* medicinal –, por exemplo, devido à hipertensão, às síndromes respiratórias, à esquizofrenia ou por causa da interação com outros medicamentos que estejam a utilizar (SAHAKIAN; D'ANGELO; SAVULICH, 2017; TROTT, 2022). Por fim, ainda não existem estudos de longo prazo sobre a segurança e eficácia de um sem número de substâncias, e muitas pessoas estão a comprar drogas sintéticas pela internet sem garantias sobre a sua composição e controle de qualidade. Os efeitos de longo prazo das assim chamadas *designer drugs*, produzidas em laboratórios para burlar a proibição e serem vendidas em escala industrial, na saúde física e mental ainda precisam ser determinados – resume Camilla d'Angelo, também pesquisadora da universidade britânica e coautora do estudo. Mais pesquisas sobre estas substâncias e seus padrões de uso são necessárias de forma a melhor entender seus efeitos agudos, residuais e posteriores na homeostase, para fins de estabelecer estratégias efetivas de redução de danos.

Outras pesquisas científicas mostraram que o uso de alguns psicoativos, tais como cocaína, crack, *Cannabis*, opiáceos, psicodélicos e anfetaminas, tem aumentado rapidamente tanto na meia quanto na terceira idade (SCHLAERTH; SPLAWN; ONG, 2004; BEYNON; DUFFY; PICKERING, 2009; KUERBIS; SACCO; BLAZER, 2013). Foi estimado ainda com uma alta margem de acerto que a necessidade de tratamentos de

saúde para a população idosa aumentaria de 1,7 milhão em 2000 para 4,4 milhões em 2020 (GFROERER; PENNE; PEMBERTON, 2003). Em serviços de urgências, 3,1% dos atendidos com mais de 50 anos entre 1998 e 2008 apresentavam metabólitos no teste de urina para drogas e 2% com até 60 anos testaram positivo para cocaína (SHERIDAN; RIVERS; SHIRAZI, 2008). Existem diversos motivos que explicam esse fenômeno, entre eles o *baby boom*: são considerados *baby boomers* todos aqueles que nasceram entre 1946 e 1964. Essa geração, além de sua grande expressividade numérica, teve maior exposição a substâncias psicoativas (COLLIVER; COMPTON; GFROERER, 2006). Uma pesquisa sobre o consumo de estupefacientes entre pessoas maiores de 50 anos, nos Estados Unidos, sugeriu de modo assertivo que, do ano de 2001 a 2020, o uso de *Cannabis* entre os quinquagenários passaria de 1% [719 mil] para 2,9% [cerca de 3,3 milhões] e o consumo de qualquer droga ilícita se elevaria de 2,2% [1,6 milhões] para 3,1% [3,5 milhões] (COLLIVER; COMPTON; GFROERER, 2006). Em consequência, o maior envolvimento por parte do sistema judicial também poderá estar relacionado ao aumento de tratamentos do abuso de drogas nessas idades visto que existem hoje muito mais encaminhamentos deliberados pela justiça para os serviços de saúde do que antes da virada do milênio (LOFWALL; SCHUSTER; STRAIN, 2008). Quanto ao diagnóstico de transtornos mentais provocados pelo uso inadequado de substâncias psicoativas, previu-se que aumentaria aproximadamente de 2,8 milhões para 5,7 milhões, entre 2002 e 2020 (GFROERER; HAN; COLLIVER, 2009). Assim, utentes com mais de 50 anos passaram a representar, de 2001 a 2020, 3,2% de um serviço de assistência a usuários de drogas e 11,7% dos atendimentos realizados são direcionados a pessoas com 60 anos ou mais (MELENDRO; MONTES; ROIBÁS, 2010). Para além das estimativas de quantidade, os dados qualitativos evidenciaram um prolongamento significativo do tempo de vida dos consumidores em contato com os serviços de prevenção a usuários de drogas, o que os mantém vinculados ao acompanhamento terapêutico por vários anos ou décadas, continuamente ou com interrupções, e os fazem alcançar a terceira idade no decorrer da terapia (HURST; MARR; BEYNON, 2010). Todos os dados aqui evidenciados, sejam eles quantitativos ou qualitativos, servem para ilustrar não apenas o crescimento desmesurado do número de usuários de drogas nas últimas duas décadas, mas também para demonstrar, no que concerne ao uso dos elementos psicoativos pelo corpo social, a importância tanto ética quanto política das práticas de redução de danos

II – Uma Crítica à Tricotomia Epistemológica dos Usos da Cannabis

Quaisquer dos tipos de uso das drogas, seja medicinal, recreativo ou sacramental, com especial destaque para a *Cannabis* e os seus respectivos derivados, passam a ser vituperados pela ditadura proibicionista como se não existisse um potencial criativo ou positivo nas suas aplicações, como se toda e qualquer prática de utilização não autorizada fosse por si criminosa e patológica. O estigma da dependência química é, desta forma, um dos pilares que sustentam os discursos demonizáveis sobre os usos atribuídos aos psicoativos (PASSETTI, 1991; MCKENNA, 1993; ESCOHOTADO, 1998). Mas ao ler as estatísticas, por mais contestáveis e subnotificadas que estas possam ser, se percebe que os maiores índices de dependências químicas estão relacionados às drogas lícitas, como álcool e tabaco, e, que os números referentes a dependência das substâncias ilícitas, como a maconha e o haxixe, são no geral muito baixos (PASSETTI, 1991; CARLINI, 2006; MALCHER-LOPES; RIBEIRO, 2007). Em outras palavras, as drogas que mais oferecem riscos e danos à saúde pessoal e social são aquelas consideradas legalizadas, como por exemplo, as precitadas bebidas alcóolicas e os cigarros industriais, responsáveis todos os anos pelo adoecimento, internação e falecimento muitas vezes precoce de milhões de pessoas no mundo. Substâncias como o LSD, o DMT, o MDMA e o THC, por mais demonizadas que venham a ser pelas aleivosias da repressão proibicionista, estão na base da pirâmide constituída pelo trinômio dependência-risco-dano; ao passo que o cigarro e o álcool, utilizados por uma imensa parcela da sociedade, se acham no topo do diagrama das dependências, danos e riscos.

Ao pensar e atuar de forma cada vez mais interdisciplinar, ou, multidisciplinar, ou ainda, transdisciplinar, as plêiades científicas do século XXI podem ampliar os seus discursos e complexificar as suas narrativas. A teoria holística da complexidade propõe abordagens dialógicas entre diversos conhecimentos científicos. De acordo com esta teoria, uma abordagem analítica sobre o fenômeno do uso das drogas também deve levar em conta o diálogo entre as diversas áreas da ciência, do pensamento, das artes e das religiões, uma postura crítica que aponta a necessidade de evitar visões reducionistas, simplistas e disjuntivas (SMUTS, 1936; WILBER, 1997; MORIN, 1999). Um exemplo das mudanças provocadas pela atitude complexa do fazer científico pode ser visto na área integrativa da medicina, a qual, conceitua a doença não apenas por meio dos sintomas

físicos, mas também das motivações psicossomáticas; ou na área da psicologia transpessoal, que demonstra existir um profundo impacto do lazer e da espiritualidade na saúde biopsíquico-social; além de outras áreas do conhecimento holístico que seguem a mesma tendência dialógica da complexidade, como por exemplo: dentro dos estudos filosóficos, antropológicos, históricos, geográficos, sociológicos, neurocientíficos, psicológicos e biológicos, dos campos do saber cujos autores realizam uma interpretação inovadora sobre os usos da *Cannabis*, do haxixe e outras drogas.

Muitas destas ciências e destes sistemas de pensamento já reconhecem o benefício do lúdico e da mística para a existência de corpos saudáveis e resistentes às enfermidades, um reforço à concepção de que o uso da *Cannabis* e dos demais psicoativos para fins terapêuticos, ritualísticos e recreacionais pode contribuir com a saúde dos indivíduos e de toda a sociedade (ARTINIAN, 2022; MOEN, 2022; ROMERO, 2022). A visão de mundo holística, que corrobora a integração de todos os usos da erva e de outras substâncias com propriedades psicoativas, se contrapõe ao argumento reducionista de que apenas o uso medicinal vem a ser benéfico, ao sugerir uma crítica de emergente pertinência à classificação tricotômica e maniqueísta, segundo a qual os usos recreativos e sacramentais não são medicinais, mas sim criminosos ou anticientíficos (ARTINIAN, 2022; HALEWOOD, 2022; ROMERO, 2022). Para aqueles que defendem a tricotomia epistemológica dos usos da maconha, tanto o uso recreativo induz ao erro quanto o uso sacramental pertence ao modo da ignorância, sendo válido apenas o uso terapêutico: uma violência epistemológica que embasa preconceitos, produz efeitos sociais degenerescentes e estimula a formação de opiniões totalitárias, algo a ser obliterado através da informação e das reivindicações antiproibicionistas.

A hipótese sustentada pelas ideias discutidas no parágrafo acima consiste em afirmar que todo o uso da *Cannabis* – independentemente de ser terapêutico, recreativo ou sacramental – pode ser considerado como catalizador de resultados medicinais; porém, a título de autocrítica, vale ressaltar que nem todo uso da maconha vem a ser direcionado para fins recreativos, religiosos e terapêuticos (MACRAE; SIMÕES, 2003). Pelo menos desde uma conferência feita no ano de 2014, em razão do V Ciclo de Debates Antiproibicionistas da UFRN, o professor Elisaldo Luiz de Araújo Carlini [1930-2020] já afirmava uma possível existência da correlação de forças entre a medicina, a espiritualidade e a recreação no que concerne ao uso da maconha. Ao ser questionado

sobre essa conexão, assim ele falou: “O uso recreativo pode ter o seu aspecto terapêutico e o uso espiritual pode ter um lado medicinal” (CARLINI apud FREITAS, 2022, p. 279). Procura-se aqui afirmar que o indivíduo pode muito bem não estar em busca apenas de uma única finalidade no uso da planta: a análise da relação entre a erva e usuários vem a ser muito mais complexa e leva em conta diversos estímulos e possibilidades. Nesse sentido, nada impede um mesmo usuário de procurar na utilização da *Cannabis*, de forma simultânea, o relaxamento, a diversão, a desinibição social, o alívio de alguma dor, uma viagem psiconáutica, a união da alma com Deus, ou somente uma destas alternativas, talvez duas, três ou mais (MACRAE; SIMÕES, 2003). Desta feita, também se pode arregimentar acerca dos usos da maconha, que existem sim, canabistas interessados unicamente nos efeitos medicinais do *full spectrum*: porém jamais daria para dizer sem incorrer em reducionismo que as demais formas de uso da *Cannabis*, como a religiosa e a recreativa, não abrangem qualidades terapêuticas, que estas não possuem propriedades para melhorar tanto os indivíduos quanto a própria sociedade.

A divisão tricotômica entre medicinal, sacramental e recreativo tem efeitos retroativos e contraditórios em relação aos usuários de *Cannabis*, pois acaba por causar prejuízos aos mesmos, na medida em que estabelece uma hierarquização entre nichos que não deveriam estar verticalizados: por um lado, a maconha medicinal cada vez mais aceita pela sociedade; por outro lado, a erva utilizada para fins recreativos, ainda vista com maus olhos pela maioria da população; e por mais outro, o uso ritual da *Cannabis* que remonta a diversos milênios, mas que parece estar invisibilizado nos debates hegemônicos (CLARKE; MERLIN, 2013). Os usuários de maconha acabam divididos pelo equívoco dos *tricotomistas* – pelo reducionismo dos indivíduos que se limitam às especializações e não conseguem vislumbrar a totalidade – entre aqueles assim tidos como acima de qualquer suspeita [medicinais: autorizados pela ciência e pelo direito], aqueles de atitudes suspeitas e comportamento repreensível [recreativos: considerados como viciados, desajustados e vagabundos], e aqueles de índole neutra [sacramentais: os invisíveis amplamente ignorados] (MCKENNA, 1993; ESCOHOTADO, 1998). Esta tricotomia gera marginalidades e elitismos que só tendem a favorecer o proibicionismo, pois contribui com uma sociedade desigual, desumana, intolerante, preconceituosa, incapaz assim de alcançar os elevadíssimos valores morais, éticos e políticos do reconhecimento, sem condições de reunir a força da unidade na pluralidade do movimento para ser bem-

sucedida na defesa dos direitos humanos básicos, tais como a qualidade de vida e as liberdades para decidir sobre o binômio corpo-mente.

O fato analisado consiste em que as experiências de expansão da consciência, sejam estas agenciadas pela religião, pela ciência ou pela liberdade de espírito, sem ou com o uso de substâncias que contenham propriedades psicoativas, como exemplificam a *Cannabis* e o haxixe, são processos de extrema relevância para o fortalecimento da saúde pessoal e social, uma vez que podem proporcionar uma visão mais elevada da totalidade, um conhecimento mais profundo a respeito do todo do qual somos partes: estas vivências têm potencial para tonificar o bem-estar e favorecer a continuidade da vida na Terra (LEARY; ALPERT; METZNER, 1964; WILBER, 1997; HUXLEY, 1999). Nessa linha de entendimento, uma forma segura de consumo da maconha e dos demais psicotrópicos vem a ser realizada por pessoas empenhadas em uma existência de estudos a respeito de si mesmas e do mundo à sua volta; sem conhecer a substância, a sua origem e os seus ministrantes; sem um estado de espírito propício, sem uma rede de apoio compreensiva e fora de um ambiente compatível com a viagem, a turbulência pode ser assustadora e a vivência que seria algo sublime pode ser traumatizante.

III. Novas Maneiras de Pensar o Uso de Substâncias Psicoativas

Quando se está a falar da possibilidade de usos positivos para a *Cannabis*, o conceito de cuidado de si como estratégia de crescimento pessoal e autoconhecimento deve sempre ser levado em consideração (MCKENNA, 1993; BUCHANAN, 2022; SOPANEN, 2022). A ter em vista para as artes médicas não ser novidade que os usos abusivos de qualquer droga podem sempre ser perigosos, ou seja, o abuso de café, açúcar, sal, álcool, tabaco, ou mesmo da maconha pode implicar em riscos para a saúde, o que se busca trazer à luz é a necessidade de considerar os usos conscientes e moderados, isto é, uma apreciação com sabedoria das substâncias psicoativas:

As ações de prevenção aos abusos de drogas deveriam considerar seu público alvo como sendo capaz de adotar atitudes sensatas com base em informação confiável e convincente, estabelecendo um diálogo com eles em que fossem tratados como parceiros qualificados. Os usuários muitas vezes sabem mais do que os agentes de prevenção a respeito dos efeitos imediatos das drogas que costumam utilizar e tendem a aderir às normas, regras de conduta e rituais sociais dos seus grupos de pares para evitar efeitos indesejáveis. O proibicionismo dificulta a difusão do saber sobre

drogas dos usuários e acaba tendo um efeito de maximização dos danos (MACRAE, SIMÕES, 2003, p. 12).

Em concordância com a citação supramencionada, para diversos indivíduos, os usos de substâncias representam uma face do estudo de si mesmos, são questões essenciais e existenciais fustigadas por reações externas [opressão, repressão, proibição, estigmatização, as construções da realidade objetiva] e movidas por atitudes internas [pensamentos, sentimentos, emoções e comportamentos, as construções da realidade subjetiva] referentes ao corpo, à mente e à consciência (MACRAE; SIMÕES, 2003). Uma alternativa plausível para fazer a repressão aos usuários de substâncias retroceder, consiste em propagar informações de caráter científico das maneiras de otimizar a experiência e reduzir os possíveis danos relacionados com a utilização dos psicoativos (TROTT, 2022). Apenas através da difusão de informações bem fundamentadas é que se pode subverter a realidade da proibição, uma ditadura de ignorância que maleficia o bem-estar da sociedade, um regime totalitário que em nada colabora com o desenvolvimento da humanidade. Dito de outra forma, se os proibicionistas deformam e defasam dados para estabelecer a dominação, os antiproibicionistas reformam e atualizam dados para que possam justificar uma causa nobre.

Outra questão a ser considerada consiste na relativamente baixa proporção de usuários problemáticos. De acordo com informações do *Relatório Mundial sobre Drogas* realizado pela Organização das Nações Unidas, 269 milhões de pessoas relataram o uso de drogas no ano de 2019, porém o relatório aponta que menos de 1% destes apresentam quadros de transtornos relacionados à dependência (UNODC, 2020). Todos os dados disponíveis indicam ser um consenso, entre os correligionários do movimento social antiproibicionista, que o hábito de fumar faz mal à saúde, não pela *Cannabis* em si mesma, mas sim pelo ato de inalar o resultado de uma combustão, já que todos os processos combustivos liberam gases nocivos para a fisiologia humana, como por exemplo, aqueles com alcatrão, enxofre e carbono em sua composição química (CLARKE; MERLIN, 2013). Além disso, uma esmagadora maioria dos ativistas contrários à proibição concorda com a existência dos grupos de risco, tais como, crianças e adolescentes, gestantes e puérperas, e por último, os limítrofes, maníacos, esquizofrênicos, pessoas que sofrem com síndromes psicóticas ou transtornos psíquicos em geral (TROTT, 2022). Com efeito, este grupo final talvez até possa utilizar alguns tipos específicos de maconha em tratamentos muito pontuais que requerem uma

observação especializada da subjetividade constituinte de cada caso, e, o controle clínico da concentração das substâncias canábicas utilizadas no tratamento, como por exemplo, do tetrahydrocannabinol e do canabidiol.

O discurso antiproibicionista é assertivo em afirmar que as políticas públicas brasileiras deveriam ser obrigadas não apenas a regulamentar, mas a descriminalizar e legalizar os usos da *Cannabis* e dos demais psicoativos que com base na ciência não representam riscos à sociedade; esta reivindicação tem como princípio da regulamentação, da descriminalização e da legalização a avaliação das substâncias de acordo com os grupos de risco, bem como uma frequente atualização das contraindicações médicas e científicas sobre a maconha ou qualquer outra droga, além de é claro, uma disseminação das informações concernentes ao cuidado de si e um reconhecimento profissional dos redutores de danos (MACRAE; SIMÕES, 2003; TROTT, 2022). Um dos objetivos centrais deste artigo é evidenciar que, o olhar científico não deve ignorar os principais interessados em relação à política de drogas, que são os usuários, os quais em sua maioria são indivíduos em pleno usufruto de suas faculdades físico-psíquicas e completamente integrados à esfera social. Estes usuários são detentores de direitos humanos universais, como por exemplo, o direito natural à vida e à liberdade de se autodeterminar: a resistência do movimento antiproibicionista tem uma repercussão frontal sobre a ação do Estado que, não deveria em hipótese alguma se sobrepor às vidas e às liberdades, nem muito menos deliberar a estigmatização ou coerção de nenhum indivíduo que faça uso de qualquer substância psicoativa.

Discutir o tema específico dos usos da maconha e dos demais psicoativos significa produzir uma ciência mais humanizada em relação a esta planta e companhia, uma epistemologia que possa desmistificar para toda a sociedade os equívocos históricos e remover as cicatrizes deixadas pelo proibicionismo, pelo cientificismo, pela ditadura da verdade e da assepsia (MCKENNA, 1993; ESCOHOTADO, 1998). A forma como a *Cannabis* atua na neurofisiologia aumenta as sinapses e diversifica as rotas de informações dos impulsos cerebrais que constituem os seus efeitos psicobiológicos, e, que agenciam as subjetividades benéficas ligadas ao uso medicinal-recreativo-sacramental da erva (MALCHER-LOPES; RIBEIRO, 2007). A problemática científica das drogas e dos seus usos está intimamente ligada à questão da dignidade humana; a problematização está focada em tratar os indivíduos como seres pensantes e capazes, não

como figuras exclusivamente patológicas ou como sujeitos bestializados, incapazes e tutelados, isto é, pessoas que em certo sentido perderam algumas das características fundamentais da sua própria humanidade, tais como o direito à consciência e a liberdade de decidir sobre as próprias vidas, apenas por serem usuários de *Cannabis* e/ou de substâncias psicoativas.

Um fato importante que aqui também se deve levar em consideração consiste na inexistência de uma pesquisa científica [entre os finais do século XX e início do XXI] que consiga comprovar um perigo real no consumo de *Cannabis* por vias orais ou por meio de vaporização; em contrapartida, existe uma imensa quantidade de pesquisas científicas modernas que comprovam os seus inúmeros benefícios. Sendo assim, os discursos e as narrativas antiproibicionistas reivindicam o cumprimento da obrigação que o Estado tem de programar uma política de legalização da maconha e da regulamentação do seu mercado em todos os países da esfera terrestre:

No elenco dos problemas sociais elaborados durante o século XX, aparece a droga. Uns comprovam o seu uso legítimo a partir de critérios medicinais, condenando-o, ao mesmo tempo, quando fora do controle e dos preceitos das organizações de saúde. Outros mostram a integração das drogas em certas culturas. Alguns fundamentam-se na psicologia a partir de concepções diferenciadas. Há ainda aqueles que investem no combate à droga como elemento do mundo do crime, como detonadora ou reforçadora de comportamentos antissociais. Certos pesquisadores defendem o seu uso sob controle, mas a grande maioria parece ter a opinião de que se deve combater o lado ilegal, e portanto criminoso, da droga. No limite institucional, hoje em dia, já se pode falar em ‘descriminalizar’ certas drogas uma vez que já foram classificadas como ‘leves’ (PASSETTI, 1991, p. 15).

Em um modelo de sociedade ideal, se existisse a necessidade de um Estado, este deveria estar obrigado a implementar políticas públicas que não fossem prejudiciais ao indivíduo e à civilização, como são exemplos, as políticas de redução de danos, as políticas de investimento em pesquisas científicas sobre a história, cultura, farmacologia e direito a respeito de todas as drogas; além de existir para poder assegurar a formação de cidadãos bem informados e conscientes dos mais diversos conhecimentos sobre a utilização das substâncias, tanto quanto da interação destas últimas com a tríade corpo-mente-consciência.

Conclusão – Pela Ampla Defesa da Saúde Holística na Cultura Canábica

Para finalidades sintéticas se pode concluir que este artigo teve como principal objetivo evidenciar as conexões estabelecidas entre usos terapêuticos, recreativos e sacramentais da *Cannabis*: uma análise e descrição de três nichos que não existem de um modo separado, mas integrado. Entrementes, foi destacado que o uso de substâncias psicoativas sempre existiu para a produção do equilíbrio homeostático, ou seja, para manter a saúde do corpo, da mente e da consciência. Se constatou que os usos destacados da maconha podem e devem ser abordados em sua complexidade, e que se deve levar em conta a visão de diversas áreas e correntes das ciências, das artes, do pensamento e do misticismo, uma vez que as esferas reivindicadas fazem parte do vasto conjunto de usos da erva.

As variedades de uso da *Cannabis* não são apenas questões da medicina, da farmacologia, da biologia, da botânica ou do direito: elas também são pertencentes ao domínio da antropologia, da arte, da filosofia, da geografia, da história, da psicologia, da sociologia, da religião e assim por diante. Por isso, para incitar a agitação dentro de todo o movimento antiproibicionista brasileiro, os seguintes questionamentos estão lançados: a medicina moderna é superior à medicina tradicional? Subvalorizar o uso ritual da maconha não significa desmerecer as tradições que precederam à modernidade? O uso medicinal da *Cannabis* se limita apenas às prerrogativas do conhecimento médico? Será mesmo que os remédios são somente os componentes manipulados e vendidos pela *Big Pharma*? Os usos lúdicos e ritualísticos da maconha não são benéficos à saúde? Os ritos multimilenares e a diversão consciente não têm efeitos terapêuticos? Afirmar que o uso ritual e recreativo não são medicinais significa dizer que a *Cannabis* faz mal? Sugerir que a maconha recreativa pode ser maléfica à sociedade e ao indivíduo não implica em uma contradição epistemológica desfavorável para aqueles que advogam o seu uso medicinal? Quanto aos gênios das belas artes, das ciências e do pensamento, mencionados na introdução do trabalho, o valor das suas obras diminui ou se destrói porquê usaram substâncias? Que estas perguntas possam ser chaves para o desenvolvimento de novos debates no horizonte da cultura canábica.

Da mesma forma que não existe um indivíduo pela metade, também não pode existir uma meia saúde, não pode haver uma integração do todo onde se pauta a divisão das partes. Enquanto houver a tricotomia epistemológica entre usuários medicinais, recreativos e sacramentais, não existirá uma convergência no movimento

antiproibicionista; e uma vez que não exista a unidade, os ativistas da movida poderão se tornar presas fáceis, ao invés de se tornarem um monstro marinho frente aos tubarões da Inquisição Farmacrática (MCKENNA, 1993; ESCOHOTADO, 1998). Dito de outra maneira, sem haver a unificação holística no que concerne aos usos da maconha; sem que haja o reconhecimento das variedades e utilidades de uso da erva para todas as saúdes, seja física, mental ou espiritual, o progresso das conquistas antiproibicionistas poderá acontecer a passos ziguezagueantes, se não parar de vez ou pior ainda, retroceder (SMUTS, 1936; MCKENNA, 1993). Como se a cotidiana repressão proibicionista não fosse um problema grande o suficiente a ser enfrentado, sem que haja uma causa em comum que articule os ativistas, caso a hierarquização dos usuários e divergência de vontades no movimento social contrário à proibição forem mantidas, para este último não pode haver outro destino a não ser o retrocesso (PASSETTI, 1991; ESCOHOTADO, 1998). Em poucas palavras: os autores desejam, de todo o coração, que este artigo possa contribuir no sentido de incentivar a integração de todos os saberes no debate sobre as drogas; mais ainda, que este sirva como um estímulo à produção multidisciplinar de conhecimentos criativos, culturais, filosóficos, geográficos, históricos, holísticos e terapêuticos cada vez mais inovadores e atualizados sobre a *Cannabis*.

Referências Bibliográficas

ARTINIAN, Taline. *Transpersonal Gratitude and Psychedelic Altered States of Consciousness*. In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter. (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

BAUDELAIRE, Charles Pierre. *Les Paradis Artificiels: Opium et Hashish*. Poulet-Malassis et de Broise, Paris: 1860.

BEYNON, Caryl; DUFFY, Paul.; PICKERING, Lucy. (Et al.). *Self-Reported Health Status, and Health Service Contact, of Illicit Drug Users Aged 50 and Over: a Qualitative Interview Study in Mearville*. BMC Geriatrics. 9 (1). Springer Nature, UK: 2009.

BENNET, Chris. *Liber 420: Cannabis, Magical Herbs and the Occult*. Trine Day, Waterville: 2018.

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften: Kleine Prose. Baudelaire-Übertragungen*. Surkamp Verlag, Berlin: 1972.

BUCHANAN, John Hall. *What is Real(ity)?* In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter. (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *As Plantas Medicinais e o Sagrado: a Etnofarmacobotânica em uma Revisão Historiográfica da Medicina Popular no Brasil*. Ícone Editora, São Paulo: 2014.

CAMPOS, Natália. *Militância, Organização e Mobilização Antiproibicionista da Maconha: Coletivos, Eventos e Marchas em Natal (RN)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2013.

CARLINI, Elisaldo Luiz de Araújo. (Sup.). *Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo envolvendo as 108 Maiores Cidades do País*. UNIFESP/CEBRID – Centro Brasileiro Sobre Drogas Psicotrópicas, São Paulo: 2006.

CARNEIRO, Henrique. *Transformações do Significado da Palavra “Droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo*. In: VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique. (Org.). *Álcool e Drogas na História do Brasil*. PUC-Minas: Belo Horizonte, 2005.

CASTRO, Diego Marcos Barros de. *O Movimento Antiproibicionista em Natal: História, Atuações e Espaços*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

CLARKE, Robert Connel. *Hashish: History, Cultures, Ingredients, Recreation, Medicine: Hashish Making – Traditional, High Tech, Home Made*. Red Eye Press: 1998.

CLARKE, Robert Connel; MERLIN, Mark David. *Cannabis: Evolution and Ethnobotany*. University of California Press, Los Angeles: 2013.

COLLIVER, James; COMPTON, Wilson; GFROERER, Joseph. (Et al.). *Projecting Drug Use among Aging Baby Boomers in 2006-2020*. *Annals of Epidemiology*, 14 (4). 2006.

ESCOHOTADO, Antonio. *Historia General de las Drogas*. Alianza Editorial, Madrid: 1998.

HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter. (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

HURST, Ayesha; MARR, Adam; BEYNON, Caryl. (Et al.). *Older and Sicker: Changing Mortality of Drug Users in Treatment in the North West of England*. *International Journal of Drug Policy*. 21 (5). 2010.

HUXLEY, Aldous. *Moksha: Classic Writings on Psychedelic and Visionary Experience [1931-1963]*. Ed. Michael Horowitz and Cynthia Palmer. Pref. Albert Hofmann. For. Humphry Osmond. Int. Alexander Shulgin. Park Street Press, Rochester/Vermont: 1999.

FREITAS, Jan Clefferson Costa de. *Flashbacks de um Canabista: uma Fenomenologia Autobiográfica com a Cannabis*. Polymatheia – Revista de Filosofia. UECE, Fortaleza: 2022. In: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/8577>

GFROERER, Joseph.; HAN, Beth.; COLLIVER, James. (Et al.). *An Examination of Trends in Illicit Drug Use among Adults Aged 50 to 59 in United States*. Office of Applied Studies in Substance and Mental Health Service Administration, Maryland: 2009.

GFROERER, Joseph; PENNE, Michael; PEMBERTON, Michael. *Substance Abuse Treatment need among Older Adults in 2020: the Impact of the Aging Baby-boom Cohort. Drug and Alcohol Dependence Journal*. 69 (2). Elsevier, Ireland: 2003.

HALEWOOD, Michael. *Making your Soul Visible*. In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter. (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

KUERBIS, Alexis; SACCO, Paul; BLAZER, Dan. (Et al.). *Substance Abuse among Older Adults*. Clinics in Geriatric Medicine Journal, 30 (3). Saunders Ltda, UK: 2009.

LEARY, Timothy Francis; ALPERT, Rick; METZNER, Ralph. *The Psychedelic Experience: a Manual Based on the Tibetan Book of Dead*. Citadel Press, New York: 1964.

LOFWALL, Michelle; SCHUSTER, Alyson; STRAIN, Eric. (Et al.). *Changing Profile of Abused Substances by Older Persons Entering Treatment*. Journal of Nervous and Mental Disease. 196 (12). Williams & Wilkins, Baltimore: 2008.

MACRAE, Edward; SIMÕES, Júlio. *A Subcultura da Maconha, seus Valores e Rituais entre Setores Socialmente Integrados*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2003.

MALCHER-LOPES, Renato; RIBEIRO, Sidarta Tollendal Gomes. *Maconha, Cérebro e Saúde*. Vieira & Lent, Rio de Janeiro: 2007.

MELENDRO, Ana Isabel López.; MONTES, Maria José Gallego; ROIBÁS, Antonio Legares. *Perspectivas de Futuro y Propuestas de Recursos Terapéuticos para Adictos de Edad Avanzada*. Revista Española de Drogodependencias. 35 (2). Asociación Española de Estudio en Drogodependencias, Madrid: 2010.

MCKENNA, Terence Jon. *Food of the Gods: the Search for the Original Tree of Knowledge: a Radical History of Plants, Drugs, and Human Evolution*. Batan Books, New York: 1993.

MOEN, Ole Martin. *Are Psychedelic Drugs Distorting?* In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter. (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

MORIN, Edgar. *O Conhecimento do Conhecimento*. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999.

PASSETTI, Edson. *Das 'Fumeries' ao Narcotráfico*. Editora da PUC, São Paulo: 1991.

RAMON, Fernando Huesca. *Walter Benjamin and Herbert Marcuse: Psychedelics and Revolution*. In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter. (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

ROMERO, Osiris Sinuhé González. *Decolonizing the Philosophy of Psychedelics*. In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

SAHAKIAN, Barbara; D'ANGELO, Camilla; SAVULICH, George. *Lifestyle Use of Drugs by Healthy People for Enhancing Cognition, Creativity, Motivation and Pleasure*. *British Journal of Pharmacology*. 174 (19). Mercury Airfreight International Ltda., Avenel: 2017.

SHERIDAN, Brendan; RIVERS, Emanuel; SHIRAZI, Ehsan. (Et al.). *Cocaine Use in Elder Patients presenting to an Inner-City Emergency Department*. *Academic Emergency Medicine*. 11 (8). John Wiley & Sons Ltda., New Jersey: 2008.

SCHLAERTH, Katherine; SPLAWN, Robert; ONG, Julianne. *Change in the Pattern of Illegal Drug Use in an Inner-City Population Over 50: an Observational Study*. *Journal of Addictive Diseases*. 23 (2). Routledge, USA: 2004.

SMUTS, Jan Christiann. *Holism and Evolution*. Macmillan and Co., London: 1936.

SOPANEN, Johanna Hilla. *Journey in the Realm of the Unconscious: Carl Jung's Liber Novus and Psychedelic Experience*. In: HAUSKELLER, Christine; SJOSTEDT-HUGHES, Peter. (Org.). *Philosophy and Psychedelics: Frameworks for Exceptional Experience*. Bloomsbury Academic Press, London: 2022.

TROTT, Dominic Milton. *The Drug Users Bible: Harm Reduction, Risk Mitigation, Personal Safety and Antidote to the War on Drugs*. MxZero Publishing, UK: 2022.

UNODC. *World Drug Report 2020: Global Drug Use Rising; while COVID-19 has far Reaching on Global Drug Markets*. United Nations Organization. 2020. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/en/press/releases/2020/June/media-advisory---global-launch-of-the-2020-world-drug-report.html>

VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique. (Org.). *Álcool e Drogas na História do Brasil*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005.

WILBER, Ken. *Breve Historia de todas las Cosas*. Editorial Kairós, Barcelona: 1997.

